

## Tempo, Imagem e Velhice – Uma perspectiva Genealógica dos sentidos da velhice<sup>1</sup>

Mirella Ramos Costa PESSOA<sup>2</sup>  
Cláudia Linhares SANZ<sup>3</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília – DF

### Resumo

A partir de uma análise genealógica que relaciona experiência temporal dos sujeitos, os conceitos de biopoder, governamentalidade e o contexto histórico-cultural da emergência dos saberes da Geriatria e Gerontologia, propôs-se a suspensão de sentidos presentes em imagens da velhice, seus engendramentos e relações de poder. Em um cenário de propagação de imagens, discursos e instruções sobre os modos de ser velho nos veículos de comunicação, mídias sociais e outros meios legitimadores de “verdades”, constatou-se uma transição dos significados da velhice associada ao declínio e aos problemas clínicos para a propagação de práticas e modos de ser velho que visam adequar a produtividade dos corpos envelhecidos. Observaram-se também possibilidades de discursos resistentes aos significados hegemônicos da velhice contemporânea

**Palavras-chave:** Biopoder; Velhice; Corpo; Subjetividades; Tempo

### Introdução

*“Eu como sessentona, profissional, correndo o dia inteiro, adepta da malhação e comida natural, recebo com muitas boas vindas um projeto tão inovador.”<sup>4</sup>*

Denise Kusminsky, 2018

*“Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: - Em que espelho ficou perdida a minha face?”*

Cecília Meireles, 1939

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, orientanda da Professora Doutora Cláudia Linhares Sanz. e-mail: [mihpessoa@gmail.com](mailto:mihpessoa@gmail.com).

<sup>3</sup> Atualmente pesquisadora do Zentrum für Literatur- und Kulturforschung (ZfL), em Berlim, com o projeto As imagens do futuro e a educação contemporânea. Professora e pesquisadora da Universidade de Brasília. e-mail: [claudialinharessanz@gmail.com](mailto:claudialinharessanz@gmail.com)

<sup>4</sup> Comentário em publicação no Facebook, da página do projeto Hype 60+. Disponível em <https://bit.ly/2m6issq>, último acesso 07/07/2018

---

“Idosos serão um quinto do planeta, diz OMS”, estampa a manchete do Portal O Globo<sup>5</sup> em matéria veiculada no dia em que é comemorado o dia mundial do idoso, 1º de outubro. No âmbito dos Estados, populações, economias e, por que não dizer, grandes empresas, o debate sobre o aumento da população idosa cresce a cada novo relatório populacional divulgado. O envelhecimento faz-se presente nos nossos corpos, nas nossas capacidades físicas e na nossa saúde. Mais do que isso, refletem a passagem do tempo e alteram as concepções de subjetividades com o passar dos anos. Não é apenas na subjetividade que os significados da velhice se expõem, uma concepção cultural do envelhecimento entende que nós não envelhecemos somente pelos nossos corpos, considera o envelhecer culturalmente construído. Mas então, como se tecem as redes que configuram descontinuidades nos significados da velhice? Entre a afirmação de ser “sessentona adepta da malhação” e não identificar em si “as mãos frias e mortas”, que relações de poder, se estabelecem para que aconteçam essas transições?

Criado por Nietzsche no final do século XIX e desdobrado nos trabalhos de Michel Foucault, a genealogia é uma perspectiva de observação que não se propõe a encontrar uma origem de sentidos, uma verdade única ou um salto inaugural, algo que possa em algum momento da história estar adormecido ou inato no ser humano, desinteressado e puro. Ao utilizarmos a perspectiva genealógica, entendemos que nada possa ter aparecido de modo desinteressado na história, mas sim, emergem-se, inventam-se sentidos e verdades como frutos de relações de forças que se alternam. Em *Microfísica do Poder*, Foucault (2001) ressalta a necessidade de interrogarmos sentidos e valores em sua historicidade, verdades que devem ser colocados em suspeição, de modo que seja possível enxergar pontos de virada, momentos de pulsão e resistência de forças alternantes, entendendo que os sentidos e valores “vencedores” são aqueles que cristalizam em nossas crenças, nossos corpos e modos de ser.

Desse modo, propomos uma observação dos sentidos da velhice a partir de uma lente mais ampla e crítica de “verdades” que parecem estar estabelecidas no hoje. Os discursos acerca da velhice são propagados nos meios de comunicação, no estabelecimento de políticas públicas de proteção ao idoso, em programas de pré-aposentadoria de bancos e fundos de pensão, perfis em redes sociais, alguns em contraponto a discursos médicos, comerciais ou políticos. Neste trabalho procuramos

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/idosos-serao-um-quinto-do-planeta-em-2050-diz-oms-17649843>, último acesso 03/07/2016.

estabelecer um caminho de investigação dos sentidos da velhice em duas chaves de problematização: corpos velhos e produtividade, a partir das observações de discursos e instruções direcionadas aos adultos maiores de 50 anos para que administrem seu envelhecimento mantendo-se ativos e produtivos; e outra que observa discursos resistentes aqueles hegemônicos, exteriorizando uma subjetividade que promove novos modos de ser e perceber a experiência com a velhice. Como esses sentidos influenciam em práticas de controle dos nossos corpos e em novos significados da velhice? Para isso, buscamos analisar imagens a partir da perspectiva genealógica e relacionando-as aos conceitos de Biopoder, Governamentalidade e a emergência de saberes-poderes que tem executado papel fundamental no estabelecimento de sentidos da velhice.

### **Saberes-Poderes de uma velhice em transformação**

Em 25/04/2018,<sup>6</sup> a Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa aprovou O Projeto de Lei no Senado que prevê a alteração do pictograma das placas sinalizadoras que representam a população idosa. O desenho que demonstrava um homem curvado com uma mão nas costas e a outra segurando uma bengala foi alterado. A nova proposta é composta pela representação de homem de pé ao lado do símbolo “60+”. No vídeo da campanha que resultou na proposta do novo pictograma são apresentadas estatísticas de envelhecimento do Brasil, depoimentos de pessoas com mais de 60 anos, além da pergunta do narrador: “Já imaginou se todos forem se comportar como esse desenho demonstra o idoso?”. Está em curso um processo de transição do significado da velhice na sociedade contemporânea. Velhice, “terceira idade”, “melhor idade”, “maturidade”, os vários termos utilizados para descrever essa etapa da vida demonstram que os sentidos da velhice vêm sendo alterados e novas imagens colocam esses significados em deslocamento. Abrem-se novas possibilidades de re colocação desse público como consumidores, trabalhadores ativos, independentes e “gestores de suas próprias vidas”.

A partir da biopolítica, de seus mecanismos de controle, regulamentação e normatização (FOUCAULT, 1979, 1999a), procuramos observar as continuidades e descontinuidades nos discursos sobre o envelhecimento e como esses significados se

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://bit.ly/2uj7Tpg> , último acesso em 07/07/2018

---

configuram em saberes que orientam, incitam e normatizam práticas de cuidados com o corpo, com a saúde, com as finanças, na constituição de identidades dos sujeitos velhos, no estabelecimento de políticas públicas, criação produtos comerciais e novos mercados de consumo. Percebemos a emergência de um significado da velhice que não apenas representa de outra forma o velho, sua postura, seu espaço na sociedade, mas é parte de um conjunto de fatores que faz com que sua transformação aconteça na imagem, no símbolo do homem não mais curvado e agora de pé e, ao mesmo tempo, indica aos sujeitos velhos uma outra forma de ser e perceber a experiência do envelhecimento.

Simone de Beauvoir (1970) relata a dificuldade de retratar uma história da velhice, uma vez que o velho é incluído no conjunto dos adultos, e suas descrições convergem com o interesse de cada classe ideológica, configurando-se em um problema de adultos ativos, que decidem segundo seu próprio interesse o papel que convém atribuir aos idosos. Destaca, entretanto, que o velho passa a ser “um outro” quando perde suas faculdades, tornando-se um puro objeto. (BEAUVOIR, 1970). O declínio do corpo faz-se presente nas representações da velhice em obras literárias, pinturas, descrições clínicas. Hans Baldung Grien retrata as etapas da vida em *As idades e a morte*<sup>7</sup>, pintura de datada de 1541. Entre infância, juventude e velhice, aquela que está sendo segurada pela morte se personifica em uma mulher velha, com os seios caídos e o corpo coberto pela pele enrugada. A morte, segura o braço da velha, e na outra mão uma ampulheta. A velha por sua vez, segura o ombro de uma jovem que procura esquivar-se dela.

Em um contexto clínico, durante o século XVIII e início do século XIX a debilidade da saúde dos velhos não era considerada algo que pudesse ser curado ou amenizado, era um reflexo de qualidade irremediável do processo de envelhecimento. Na medicina, esse era um modelo que não requeria um tratamento em especial para os velhos. A partir do século XIX, emerge-se entre os médicos da França, um novo modelo que diverge da concepção de uma energia vital que se consome com o passar dos anos, para conceber uma ideia de envelhecimento baseada na degeneração dos tecidos corporais. Uma percepção dos corpos não como enfraquecimento ou declínio geral, mas como condições específicas dos velhos. A atribuição das patologias a etapa da vida da velhice formaria a base sobre a qual surgiria a Geriatria no início do século XIX (GROISMAN, 2002). Com o surgimento da Geriatria (por volta de 1910) a definição médica de velhice

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2u68SKu>, último acesso em 08/07/2018

---

que identifica envelhecimento aos problemas físicos que o envelhecimento causa aos corpos disseminou-se para outros campos de saberes como no Estado, na definição de políticas públicas e assistenciais, também influenciando diretamente a formação de outras disciplinas como a gerontologia (SILVA, 2008). Uma parte da gerontologia, particularmente a versão mais radicalmente humanística, tem buscado focar nas bases sociais em vez de somente a psicológica e da médica para entender os velhos. Uma abordagem política econômica da Gerontologia enfatiza perspectivas nas quais entende-se que envelhecimento é produto de uma estrutura social de fatores (TWIGG, 2004).

Katz (2000) demonstra como o foco dos estudos da gerontologia do pós-guerra voltam-se para a teoria da atividade, que consiste na importância das atividades para ajuste da vida em idade avançada. Em contraponto a abordagem que indicaria o descanso, e o desengajamento para preservação do corpo envelhecido do idoso, propõe-se a perspectiva da atividade voltada para uma velhice ativa, positiva e independente. (KATZ, 2000). A institucionalização da aposentadoria aliada ao discurso da Gerontologia social, ao aumento da longevidade fruto dos avanços médicos e tecnológicos e aos interesses atrelados a uma cultura de consumo são alguns dos fatores que contribuem para o surgimento da categoria da 'terceira idade'. Considerado por Silva (2008) um dos marcos na história da velhice, o termo vem propor um novo significado de velho: da decadência física e da invalidez para um momento propício para o lazer, a realização pessoal que ficou incompleta na juventude, para novos hábitos, *hobbies* e cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos a família. Feathersone e Wernick (1995) falam a respeito das imagens sobre a velhice em um contexto em que o desenvolvimento da cultura de consumo dependente da criação de novos mercados através da produção de imagens e orientações a respeito de estilos de vida e práticas. Destacam ainda que não surpreende o fato de que o crescimento da população mais velha tenha despertado o interesse na elaboração de estratégias para incorporar esse público na mesma cultura de consumo. O advento de pensões privadas e esquemas de economia e poupança, em parte, fizeram possível um estilo de vida de aposentados ativos.

A desconstrução da metáfora médica da velhice formulada pelo saber geriátrico aliado ao discurso do consumo, a teoria da atividade na Gerontologia, entre outros fatores, contribuem para emergência desse novo sentido do envelhecimento e também para transição de abordagens do saberes da velhice, valores observáveis na velhice engajada, ativa e saudável configurando um contraponto entre a metáfora do

declínio e os ‘jovens idosos’. Perceber esses choques e transições dos valores é o que nos interessa, fatores importantes de se observarem e perceberemos como influenciam em práticas e cuidados dos sujeitos e na constituição de subjetividades da velhice em determinados contextos históricos e sociais.

### **A experiência contemporânea dos 50+: corpos velhos, porém produtivos**

“Como construir sua marca pessoal na internet, produzir conteúdo, se relacionar e divulgar seus produtos e serviços nas redes sociais e mídias digitais?” um dos cursos oferecidos pela plataforma brasileira MaturiJobs<sup>8</sup> pretende responder essa pergunta para o público que está acima de 50 anos. O site se propõe a conectar os “50+” a oportunidades de trabalho. Valorizando o trabalho do “profissional maduro”, oferece não somente a conexão desses profissionais com empresas, mas também possibilidades de capacitação que facilitam o retorno dessas pessoas ao mercado de trabalho. Aqui a palavra “retorno” ganha relevância, se considerarmos que, aos 50 anos, o trabalhador pode estar iniciando sua preparação para aposentadoria, ou a saída do mercado de trabalho para a vida do “descanso” e do “desengajamento. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o “Envelhecimento Ativo” consiste em: “processo de otimizar as oportunidades de saúde, participação e segurança a fim de melhorar a qualidade de vida das pessoas à medida que elas envelheçam”<sup>9</sup>. Para a organização, o envelhecimento ativo se aplica tanto para grupos individuais quanto para populações e apresenta assim, um relatório que propõe endereçar a governantes, setores não governamentais e setor privado, “sugestões concretas de propostas para políticas do envelhecimento”<sup>10</sup>.

Entre a proposta do site MaturiJobs ou o relatório da OMS a respeito do envelhecimento ativo é possível estabelecer uma relação direta com a reverberação do discurso da Gerontologia um dos saberes legitimadores de “verdades” que voltam-se para a vida “ativa” dos velhos. O relatório e o site oferecem instruções, práticas, treinamentos para manter a vida ativa na velhice, no caso da OMS, e para *reins*erir-se no mercado de trabalho no caso do site. De acordo com Michel Foucault, verdades e sentidos são

---

<sup>8</sup> <https://www.maturijobs.com/> último acesso em 21/06/2018

<sup>9</sup> Tradução minha de trecho do Relatório da Organização Mundial da Saúde sobre envelhecimento ativo, publicado em abril de 2002. Disponível em: <https://bit.ly/2KXeH6k>. Último acesso em 08/07/2018.

<sup>10</sup> Idem

---

estabelecidos em contextos de relações de poder e são efeito-instrumento de sua constituição. Nos relatórios da OMS e na plataforma em questão, vemos aplicações das tecnologias do biopoder agindo sobre populações idosas, a fim de mantê-las dentro de um circuito ativo e produtivo. Uma concepção de poder que age sobre os corpos individuais e também sobre as populações.

O momento atual encontra-se marcado por uma exaltação do conectivismo e de tecnologias que nos conectam continuamente a atividades, rotinas intermináveis e necessidades que não escolhemos de fato, como bem descreveu Crary (2014). Junto com elas uma série de tecnologias em processo de constante atualização nos são apresentadas como solução para melhor administrar essa rotina infinita. Uma realidade do nosso tempo que torna impossível ou deslocado qualquer momento de compensação ou pausa do qual não se possa aproveitar algum tipo de produtividade. Essa lógica do qual os velhos também não escapam, promove o trabalho compulsório e uma constante autoadministração, processo que está ligado a uma mudança da ação do poder, suas estratégias de ação e suas tecnologias ao longo da história. Ao usar o termo governamentalidade, Foucault (1979) explica que governar adquire, ao longo do século XVIII, o significado que consiste na gestão das populações, na administração das heterogeneidades que constituem o Estado, buscando assim melhorar a sorte das populações, aumentar suas riquezas, sua natalidade e diminuir sua mortalidade, entre outros objetivos, significado que emerge em um contexto do século XVI circunscrito por diversos fatores como o desenvolvimento administrativo do aparelho da monarquia, o aparecimento dos aparelhos do governo, o Mercantilismo e o Cameralismo (FOUCAULT, 1979). O poder que se exerce no governo do Estado age sobre a vida dos indivíduos, mas, diferentemente de um poder soberano que detém o direito a morte de seu súdito, no biopoder, esse direito exerce-se sobre a manutenção da vida: “um poder de ‘fazer viver’ e de ‘deixar morrer’” (FOUCAULT, 1999, p. 287), na medida em que o soberano tem o poder de morte sobre o indivíduo ou que possa deixá-lo viver a sua sorte.

Segundo (FOUCAULT, 1999b), a biopolítica, tem como função estabelecer previsões, estimativas, estatísticas médicas globais, fontes de saberes para que se possa atuar de modo a modificar não um fenômeno específico, mas aquilo que eles têm de global e, partir desses conhecimentos, também constituir mecanismos reguladores que vão poder estabelecer um equilíbrio, uma média, a homeostase dessa sociedade. Aqui, é importante destacar essa transição de tecnologias de poder: nos séculos XVII e XVIII

viam-se aparecer técnicas centradas no corpo, no indivíduo, que asseguravam a distribuição espacial e temporal dos corpos, que treinava e tentavam incumbir a esses corpos capacidades que aumentassem a sua produtividade, a fim de torná-los corpos dóceis. Elas não desaparecem posteriormente, mas estarão aliadas a algo novo. Em *Essay on the Disorders of Old Age*, publicado em 1817, Sir Antony Carlisle descreve a observação dos corpos velhos aliada a habilidade do observador médico para detectar as aberrações sérias da saúde, tendo a observação dos corpos como ferramenta essencial para buscar maiores entendimentos a respeito dos casos de longevidade no século XIX.

“A idade de sessenta anos pode, em geral, ser fixada como o início da senilidade. Naquele período comumente acontece que alguns sinais de enfermidade corporal começam a aparecer, e o habilidoso observador médico pode então frequentemente ser capaz de detectar as primeiras aberrações sérias da saúde.” (CARLISLE apud KATZ, 1995, p.64)

As novas tecnologias que emergem a partir do século XVIII vêm embutir, integrar e parcialmente modificar as tecnologias disciplinares de poder, elas não são de todo disciplinar, mas se utilizam da disciplina previamente para que se faça implementar outra tecnologia, de nível mais amplo que age sobre o homem-espécie, sobre as populações. Trata-se de uma nova execução do poder que tem como primeiros objetos de saber e alvo de controle um conjunto de processos como: a proporção dos nascimentos, mortalidade, fecundidade e longevidade de uma população, endemias ou doenças que possam se instalar de forma mais frequente. A grosso modo, um poder que vai cuidar das populações de modo a manter-se, prolongar-se a vida, sem que ela seja enfraquecida. Como falado anteriormente, são tecnologias do poder que não estão em um mesmo nível, uma age no detalhe, nos corpos individuais, na manipulação de suas forças, a outra age sobre a vida, agrupa efeitos de massa de uma população, controla série de eventos e probabilidades a fim de compensar seus efeitos e diminuir seus riscos. Elas não se excluem, mas articulam-se.

Mecanismos sutis que orientam, conduzem o comportamento, exaltam o perfeito estado do “trabalhador” velho, público-alvo do site MaturiJobs, apenas a alguns “ajustes” de estarem aptos para trabalhar tão bem quanto os jovens das empresas, como consta em sua página principal: “Muitas empresas já perceberam que a experiência dos 50+ traz vantagens sobre os profissionais mais jovens”. Mesmo os que estão aposentados de seus trabalhos, podem, como propõe o relatório da OMS, manter suas atividades e rotinas e continuar contribuindo ativamente em suas famílias, pares, comunidades e



nações, desde que sigam as orientações e práticas em favor da busca do “envelhecimento ativo”. É o biopoder em escala global, proferido nos discursos da Organização Mundial da Saúde, legitimada para falar a respeito do prolongamento da vida das populações e aliando a isso instruções direcionadas ao indivíduo, que mantém-se dentro da mesma lógica, de uma poder que tem capilaridade e se exerce sobre diversos níveis, aqui aplicados a uma concepção de velhice cada vez mais ativa e produtiva, por cada vez mais tempo.

### **A Revolução Grisalha: entre o risco e aventura do ser visto na Velhice**

Os *Struldruggs* são cidadãos *Lugnagianos* retratados no romance de Jonathan Swift,<sup>11</sup> em 1726. Gulliver, o herói da obra, fica maravilhado com a possibilidade do cidadão que detém a capacidade da imortalidade. Imagina-os lutando contra a corrupção, realizando grandes descobertas ao longo de suas vidas imortais. Entretanto, a realidade que resta a eles não considera uma vivência de facilidades e maravilhas, pois apesar de nunca morrerem, não estão livres das consequências físicas do envelhecimento.

Essa última ideia é inteiramente nova. Antes disso, e sobretudo na Idade Média, o tempo girava em círculos e o velho se degradava no seio de um universo imutável. No século XVIII, a burguesia em ascensão acredita no progresso e isto leva Swift a imaginar o velho estagnado e se repetindo no meio de um mundo em alteração, incessantemente rejuvenescido. Incapaz de lhe acompanhar a evolução, ele fica para trás, sozinho, murado, privado de tudo aquilo que se vai afastando dele.” (BEAUVOIR, 1970, p. 214)

A temporalidade na modernidade constituída pelo tempo do progresso é caracterizada por uma aceleração e pelo seu caráter de futuro desconhecido e aberto. Trata-se de uma abreviação cada vez mais rápida do momento presente para um cidadão emancipado da submissão absolutista e da tutela da igreja que não consegue apenas esperar pelo futuro, que deseja acelerar esse futuro na esperança de que possa usufruir ainda em vida daquilo que considera ser um tempo melhor do que o presente no qual ele está inserido (KOSELLECK, 2002, 2006). No romance, Os *Struldruggs* estão desprendidos de seu tempo, e sujeitos a ficarem à parte do progresso da sociedade.

---

<sup>11</sup> As viagens de Gulliver, primeira publicação em 1726.

---

Entender o tempo histórico, mais do que delimitar períodos e datas, consiste em elucidar como passado, presente e futuro estão relacionados a uma experiência subjetiva com o tempo, fator de influência nas configurações de modos de ser e práticas de subjetividade, bem como na emergência de sentidos. Koselleck (2002) propõe que sejam investigados os tempos históricos nos quais esses sentidos estão contidos e observar essa relação entre passado e futuro, um tempo histórico que ocorre na diferença entre duas dimensões temporais constituídas entre o espaço da experiência (aquilo que já foi vivido) e o horizonte de expectativas (o que ainda está por vir). Até o início da modernidade, a relação com o tempo era concebida sem grandes possibilidades de novidades a não ser um vindouro fim dos tempos, o tempo escatológico, no qual a natureza dos homens permaneceria basicamente a mesma com o passar o tempo. Já o tempo do prognóstico define o futuro a partir do que se havia vivido no passado (a história como mestre da vida), o que quer fosse esperado, poderia ser previamente justificado pelas experiências do passado. Aqui, a relação entre passado e futuro dá-se de modo que, o que foi vivido definiria o que estivesse por vir (KOSELLECK, 2002, 2006). O tempo histórico do progresso aumenta o leque de possibilidades para o futuro, a partir do momento em que existe a ascensão de um sujeito atuante nesse futuro que age na configuração de um futuro concebido como algo novo, diferente do passado, abre-se a possibilidade para ação do sujeito na construção do futuro assim como para um horizonte de planejamento.

Velhice e a experiência temporal parecem ser questões tão atranhadas quanto as marcas de rugas deixadas nos corpos envelhecidos. Velhice e futuro na contemporaneidade compoem uma relação marcada pela lógica da preparação, prevenção e responsabilização dos indivíduos por seus fracassos, sucessos e administração de seus próprios riscos. Na campanha de planos de previdência complementar do Banco do Brasil, o futuro é personificado por uma criança, que alerta o espectador para o amanhã que sempre chega e que “pode ser muito legal, só depende de você”<sup>12</sup>. A preparação para o amanhã é uma responsabilidade individual e incita cuidados, planejamentos e ações que busquem evitar um futuro de risco que se faz presente no agora. Ulrick Beck (2010) fala de uma sociedade (industrial) do risco em uma dimensão histórica na forma de narrar os eventos históricos no futuro que se faz presente a partir de projeções, estudos, apontamentos teóricos.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2KUWvuq>, último acesso em 08/07/2018

---

Uma sociedade pautada por ameaças de riscos apresentados no futuro, mas com efeitos que se firmam no presente como ameaças constantes do que está por vir. Mais do que definir a veracidade dos riscos apresentados, Beck (2010) procura avaliar como, nessa nova lógica social, os riscos são produtores e produzem novas relações de poder baseadas em produção de conhecimento e na descrição e determinação desses riscos, constituídos em sua ambivalência na sociedade de mercado desenvolvida, tornando-os não apenas riscos, mas também oportunidades de negócio. (BECK, 2010). Nesse contexto, o risco e a nova relação entre subjetividade e futuro que ele traz, torna-se pautador de discursos para incentivo das práticas empresariais de si, visando a uma longevidade sustentável e “de sucesso”, sejam elas inseridas em diferentes campos de conhecimento. Outro exemplo dessa relação entre velhice e futuridade é ilustrada pela seguinte situação: um geriatra é palestrante convidado para falar para um público de aposentados de um Fundo de Pensão<sup>13</sup>. De forma bem humorada, o médico detentor de um dos saberes legitimados a falar a respeito do envelhecimento, deixa o discurso da preparação financeira para o Diretor de Investimentos da Fundação, já que, segundo ele, os executivos e colaboradores estão “fazendo o trabalho deles direitinho” e garantindo o pagamento da complementação das aposentadorias sem “riscos” de falta financeira para os aposentados. Cabe ao geriatra então, falar a respeito das questões relacionadas à saúde do corpo e da mente, demonstrar para o público quais passos devem ser seguidos para que consigam “Chegar de pé no cemitério”. Segundo o palestrante, todos nós morreremos, esse é um futuro certo, mas cabe a cada indivíduo, tomar as devidas precauções pra que, até a chegada da morte, a experiência com a velhice e todas as fragilidades que ela acarreta, sejam minimizadas desde agora.

Na esfera de cuidados com o corpo, uma série de produtos e manuais são difundidos para auxiliar na tarefa de postergar a aparência dos sinais de envelhecimento, dietas para longevidade, atividades físicas, exercícios que estimulam a memória, cremes anti-idades, tintura para o cabelo, são apenas alguns exemplos de uma gama de opções disponibilizado para o consumo de todos. Uma concepção do envelhecimento dos corpos culturalmente, propõe que nós envelhecemos não pelos nossos corpos, e que o envelhecimento é culturalmente constituído. A metáfora do declínio entre outros discursos dominantes, nos ensinam a nos sentir mal pelo envelhecimento de nossos

---

<sup>13</sup> Palestra oferecida para grupo de aposentados de um Fundo de Pensão com sua sede em Brasília-DF, em 04/07/2018

corpos, e cada vez mais cedo, prepara-los para os sinais do declínio da idade (TWIGG, 2004). Na contramão desse cuidado, outro movimento ganha força em perfis de redes sociais, a chamada Revolução Grisalha<sup>14</sup>. Mulheres têm decidido assumir seus cabelos brancos e grisalhos, muitas delas compartilhando em seus perfis de redes sociais o processo de deixar os cabelos crescerem sem aplicação de tinturas.

Segundo Foucault (1988) a análise do discurso precisa ser pensada e determinada a partir de seu funcionamento, em suas razões de ser, dos engendramentos em que ele se encontra e de como se tecem mecanismos e relações que os articulam em modos de saber e poder. Foucault in Rabinow; Dreyfus (1995) diz que onde há resistência, há poder e que as formas de resistências são o ponto de partida para investigarmos as relações de poder e suas estratégias de funcionamento. A página na rede social Instagram: *White Hot Hair*<sup>15</sup> compartilha em seu perfil imagens de mulheres que exibem seus cabelos brancos, divulgando depoimentos de mulheres que se sentem livres para não mais pintar seus cabelos e exaltando a beleza dos grisalhos. Uma breve busca no termo “Cabelos Brancos” na plataforma faz com que nos defrontemos com uma série de publicações de *selfies* de mulheres compartilhando seus cabelos em transição, grisalhos ou completamente brancos, com imagens seguidas das hashtags *#greyhairdontcare* – cabelos grisalhos não me importo, *#silversisters* – irmãs prateadas, entre outras descrições que exaltam a liberdade de usar os cabelos nas suas cores naturais. As imagens construídas em meio às tecnologias e meios de comunicação constituem “verdades” a respeito do indivíduos e suas experiências com o envelhecimento, articulam-se em regimes de poder e visibilidade em torno dos corpos. O regime de visibilidade de imagens influencia práticas de si e modos de ver do indivíduo tornando os atributos do indivíduo que estão visíveis ao outro alvo de práticas e cuidados para que estejam adequados a um processo civilizador (BRUNO, 2013). O regime de visibilidade consiste, antes, não tanto no que é visto, mas no que torna possível o que se vê (BRUNO, 2013), é esse lugar central que ocupam as imagens em uma sociedade na qual o mundo se apresenta por meio de narrativas e formas imagéticas. Elas são importantes vetores da constituição de modos de ser e da subjetividade contemporânea (SANZ, 2015).

Debord (1997) define a Sociedade do Espetáculo não como um conjunto de imagens, mas como relação social entre pessoas mediadas por imagens. Ele entende essa

<sup>14</sup> <https://revolutiongray.com/>, último acesso em 28/05/2018

<sup>15</sup> <https://www.instagram.com/whitehothair/>, último acesso em 28/05/2018

sociedade como a “sociedade da imagem”, na qual a realidade e a subjetividade dos indivíduos são constituídas pela cultura do audiovisual, divulgados e propagados nos meios de comunicação. Na Sociedade do Espetáculo ocorre “um deslizamento generalizado do ‘ter’ para o ‘parecer’, do que todo ‘ter’ efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última.” (DEBORD, 1997, p. 18). Assim, em uma concepção que percebe o consumo de imagens como parte de uma relação social, e que essas imagens são parte constituidora da nossa realidade, analisá-las a luz de uma visão crítica faz-se trabalho essencial para entendermos os sentidos as quais elas são atribuídas.

Observa-se nesse contexto a emergência de uma subjetividade exteriorizada em que esferas de cuidado e controle de si se fazem na exposição pública, ao alcance de uma visibilidade externa, olhar e conhecimento do outro (BRUNO, 2013), alguns exteriorizam suas experiências com o envelhecimento em contraponto aos discursos hegemônicos, configurando novas narrativas do ser velho, expostas ao olhar do outro, incitando também novas práticas nessa relação com a velhice com os sinais que se apresentam em nossos corpos. É ainda importante destacar que, entre homens e mulheres os sentidos a respeito da velhice podem apresentar-se de formas diferentes considerando que a construção social da velhice relaciona não somente os fatores biológicos, sociais, mas também as questões relacionadas ao gênero. Da mesma forma, a cobrança pelos cuidados e a busca pela manutenção da juventude demonstram-se de diferentes formas para os gêneros masculino e feminino. É um solo de debate que propõe uma série de considerações a respeito do envelhecimento em suas diversas categorias que perpassem desde gênero, classe social, etnia, localização geográfica, contexto histórico-cultural e diversos outros fatores, alguns deles, que foram tratados neste artigo.

É nesse contexto que observamos as imagens divulgadas em dispositivos midiáticos legitimadores de saberes e verdades que promovem o modo como agem e são os velhos da contemporaneidade. Modos e práticas de ser que buscam evitar o risco da velhice dependente e em declínio, ou mesmo discursos que buscam alternativas a essa fuga e propõem novas formas de subjetividades atribuídas ao envelhecimento do corpo.

### **Considerações Finais**

Buscamos apresentar uma proposta de observação de imagens sobre a velhice, as percepções a respeito do envelhecimento e como a relação dessas percepções

---

com a temporalidade reforçam e promovem modos de ser velho ou de “preparar” nossos corpos e evitar da velhice a partir de uma perspectiva que busca entender como a verdade de cada tempo é constituída a partir dessas relações.

O envelhecimento e os sentidos de ser velho permeiam os saberes e discursos ao longo da história, aqui propomos colocar esses sentidos em suspensão e observá-los, problematizá-los, desmontá-los. Promover esse tipo de problematização e entender as formações de subjetividade considerando contextos sociais, mudanças tecnológicas e de comunicação, regimes de visibilidade de imagem e emergências de saber propõe-se como, além de produção de conhecimento no campo da Comunicação de maneira interdisciplinar, também uma forma de resistência ou mesmo de buscas de alternativas aos discursos hegemônicos atrelados aos sentidos de ser velho na contemporaneidade.

Esperamos que o debate venha levantar novas possibilidades para constituição das subjetividades e dos significados da velhice considerando os diferentes aspectos do envelhecimento, que possam surgir esferas do ser que não estejam totalmente subjugadas a lógicas e normatizações que muitas vezes se apropriam de discursos resistentes e nos colocam novamente em um contexto da qual procuramos constantemente escapar. Problematizar essas questões nos contextos das comunicações é considerar que os sujeitos tenham possibilidades de escolhas nas constituições de suas subjetividades, e que não estejam apenas adequando-se a práticas e regras estabelecidas para que não estejam a margem de uma sociedade em processo de constantes mudanças.

### **Referências Bibliográficas**

BEAUVOIR, S. DE. **A velhice: A realidade incômoda**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BECK, U. **Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2013.

CRARY, J. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

---

FEATHERSONE, M.; WERNICK, A. **Images of Aging: Cultural Representations of Later Life**. London: Routledge, 1995.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999a.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

GROISMAN, D. A velhice, entre o normal e o patológico. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 9, n. 1, p. 61–78, 2002.

KATZ, S. Imagine the life-span: From premodern miracles to postmodern fantasies. In: FEATHERSONE, M.; WERNICK, A. (Eds.). **Images of Aging: Cultural Representations of Later Life**. London: Routledge, 1995.

\_\_\_\_\_. Busy Bodies: Activity, aging, and the management of everyday life. **Journal of Aging Studies**, v. 14, n. 2, p. 135–152, 2000.

KOSELLECK, R. **The practice of conceptual history : timing history, spacing concepts**. Stanford: Stanford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **Futuro Passado: contribuição semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: PUC, 2006.

RABINOW, P.; DREYFUS, H. L. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

SANZ, C. L. A fábula da câmera invisível na escola e o regime contemporâneo de imagens. **Revista Eco-Pós**, v. 18, p. 119–133, 2015.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, n. 1, p. 155–168, 2008.

TWIGG, J. The body, gender, and age: Feminist insights in social gerontology. **Journal of Aging Studies**, v. 18, n. 1, p. 59–73, 2004.